

www.oxisdaquestao.com.br

IDEIAS EM DEBATE

Violência, democracia e movimentos sociais no Brasil que vai às ruas

Em decorrência do texto postado pelo editor deste blog dia 13 de abril/2014, sob o título “A violência ameaça os movimentos sociais - venha ela da esquerda ou da direita”, dois internautas parceiros aderiram ao debate da grave questão. Com textos recheados de lucidez, senso crítico e preocupações democráticas, o advogado Marcos Guerra, de Natal, e o médico Geniberto Paiva Campos, residente em Brasília, fazem análises que trazem à discussão novas complexidades e novas significações.

Vamos integrar os três textos numa só peça, para a partilha social do conteúdo enriquecido pela soma e pela interação das ideias.

Carlos Chaparro:

A violência ameaça os movimentos sociais - venha ela da esquerda ou da direita

O ASSASSINATO DE UM CIDADÃO DA MELHOR QUALIDADE, COMO SANTIAGO ANDRADE, É OBRA DE UMA VIOLÊNCIA POLITICAMENTE BURRA! - E BURRA CONTINUARÁ A SER, MESMO QUE O OBJETIVO DESSE ATIVISMO CRETINO SEJA O DE ENFRAQUECER OS VERDADEIROS MOVIMENTOS SOCIAIS. SE ASSIM FOR, TRATA-SE DE UMA ESCOLHA TÁTICA DE QUEM SONHA COM A VOLTA DA DITADURA - COMO FORMA DE GOVERNO OU COMO AMBIENTE PARA FAZER OPOSIÇÃO.

Como provavelmente também acontece com milhões de paulistanos e brasileiros, sinto-me tomado pela incômoda sensação de que, como vítima potencial, faço parte do já assustador cenário paulistano e brasileiro de violência em escalada acelerada.

Pelo menos no que se refere à realidade noticiada, a escalada atingiu o ápice simbólico na morte do jornalista-cinegrafista Santiago Andrade, assassinado pela brutalidade descabida dos black blocs, ou de gente que se passa por eles - violência inaceitável, pois não existe valor nem argumento racional que a justifique.

Importa dizer, desde já, que o triste assassinato de um cidadão da melhor qualidade, como Santiago Andrade, é obra de uma violência politicamente burra! - e burra continuará a ser, mesmo que o objetivo desse ativismo cretino seja o de enfraquecer os verdadeiros movimentos sociais. Se assim for, trata-se de uma escolha tática de quem sonha com a volta da ditadura - como forma de governo ou como ambiente para fazer oposição.

Alguns podem até pensar que, se esse é o objetivo, há cheiro de sucesso no ar. Afinal, já se noticia que tramita no Congresso um projeto de lei contra atos terroristas. Em certos contornos e conteúdos, o projeto lembra a antiga Lei de Segurança Nacional.

Embora o PT já tenha declarado oficialmente ser contra a proposta, não deixa de ser curioso que a iniciativa parlamentar tenha partido de integrantes da bancada petista. Infelizmente, e até por deficiências no senso de humor, não tenho competência para decifrar tais contradições...

Queiram ou não os defensores da proposta, a sua aprovação representaria a criação de um instrumento que além de legal, seria letal) inibidor de ações democráticas de protesto, com pesada munção de condicionamento repressivo. E porque existe, e cada vez mais forte, um clamor coletivo por segurança, é previsível que boa parte, talvez até a maioria da população brasileira apoiasse a iniciativa.

De qualquer forma, e tomando-se como verdadeira a hipótese de que o objetivo da violência à "la black blocs" é o enfraquecimento dos movimentos sociais, há uma pergunta fundamental, por enquanto sem resposta, mas que deve ser feita: de onde viria a absurda aversão aos movimentos sociais que acreditam em democracia, e a praticam?

A configuração dos fatos sugere que a violência mascarada alcançou um ápice desastroso no assassinato de Santiago Andrade. As imprudências cometidas provavelmente levarão ao desmascaramento de um núcleo pensante controlador das ações. O investimento tático na dialética da violência seria, assim, comandado por um poder oculto que gasta saliva, talvez também dinheiro, aliciando jovens manipuláveis.

Não será de estranhar se a debilidade dos indícios revelar que o enfraquecimento dos movimentos sociais interessa a certas “vanguardas”, provavelmente encastelados em partidos políticos, usados como “compartimentos conscientes e organizados” da vanguarda ocupante - seja ela de esquerda ou de direita, pouco importa, porque o radicalismo dogmático as torna semelhantes nos comportamentos e na argumentação. Em certas circunstâncias, como na atual cena brasileira, chegam a ser aliadas. Se por querer ou sem querer, pouco importa.

(Obs. - Embora originadas na matriz marxista-leninista, as teorias e práticas do vanguardismo foram adaptadas e aplicadas pelos regimes de inspiração facistoide.)

Por enquanto, não há informações suficientes para confirmar ou negar hipóteses. Deixemos, portanto, que a marcha do tempo fale.

Mas há algo que me incomoda e faço questão de acrescentar.

Como observador crítico, acompanho de perto os fatos e as falas da atualidade. Leio jornais e revistas, assisto a alguns telejornais, navego na Internet. Troco ideias com gente bem informada. E aqui e ali - inclusive em textos assinados - me surpreendo e me entristeço com os titubeios de pessoas que admiro. Embora com convicções democráticas intelectualmente esclarecidas, não conseguem libertar-se da leniência ideológico-partidária na avaliação dos episódios de violência ligados, por autoria direta ou indireta, ao campo ideológico a que pertencem.

Quem integra o território demarcado como de esquerda ameniza as significações que atribui a ações como aquelas que mataram Santiago Andrade. Mas, em nome da civilização, dos valores humanistas e da justiça democrática, condenam às profundezas do inferno, por exemplo, os dois “justiceiros” que cometeram a barbaridade de amarrar um adolescente a um poste, no bairro carioca do Flamengo.

Na trincheira oposta, os que discursam pelos amplificadores da chamada direita fazem exatamente o inverso: justificam a barbárie do Flamengo e clamam por pena de morte para os assassinos de Santiago.

Essa leniência, determinada pela obrigação prévia de ser contra ou favor pelas razões do filtro ideológico, empobrece o debate e a democracia. Porque sacrifica, em quem aceita a

argumentação leniente, o exercício da independência crítica, fundamentada na ética dos valores, sem a qual é hipocrisia apregoar democracia.

=====

Marcos Guerra:

DEMOCRACIA É A PRIORIDADE

Excelente texto. Clama pelo necessário debate, e contribui para o mesmo.

Agrego à discussão quatro hipóteses:

1) **NADA JUSTIFICA NOS AFASTARMOS DA PRIORIDADE:** agora, consolidar nossa democracia.

2) **CONSOLIDAR A DEMOCRACIA** passa por **RESPEITAR OS RESULTADOS DAS URNAS**. a) Nada de "terceiro turno", com partido que perdeu ou teme perder as eleições querendo forçar um "tapetão" - num tribunal, instância institucional, ou na intimidação nas ruas. b) Nada também de alguns "juízes togados" pretenderem substituir os eleitores que determinaram um mandato.

3) **NUM ESTADO DE DIREITO, HÁ REGRAS LEGAIS PARA DESTITUIR MANDATÁRIOS**, e isto exige debate num parlamento - a nível federal, estadual ou municipal. Aceita-se que, cumprindo as regras do Estado de Direito, os tribunais eleitorais (que são uma excrescência brasileira) apliquem a "Lei da Ficha Limpa" (sic) para impedir o registro, e portanto a eleição, de candidatos condenados por corrupção comprovada e/ou outros crimes. Mas é inaceitável que os tribunais eleitorais decidam cassar mandatos conquistados nas urnas. Ao fazê-lo (e o fazem), exercem abusivamente um poder que não lhes pertence, pois cassar mandatos é prerrogativa dos parlamentos. A justiça eleitoral não pode cassar o que não é de sua alçada conceder.

4) Numa democracia e num estado de direito, VIOLÊNCIA E ANONIMATO NÃO CONDIZEM COM RESPONSABILIDADE E RESPEITO. Desde a primeira hora, temos contribuído para denunciar ambas as práticas, que finalmente obtiveram o que pretendiam - esvaziar as ruas, passar um sentimento de insegurança, inibir os movimentos espontâneos (não dirigidos por partidos ou sindicatos) e tantos outros objetivos inconfessáveis.

ENFIM, VAMOS CONVERSAR SOBRE O ASSUNTO, E NAO FUGIR. Isto também consolida nossa democracia, que admite e alimenta algumas diferenças, mas nunca o sacrifício das liberdades.

=====

Geniberto Paiva Campos:

A PRAÇA (AINDA) É DO POVO?

“Antes de compreendermos que as coisas se encontram em uma determinada situação, elas já mudaram várias vezes. Assim sempre percebemos os acontecimentos tarde demais, e a política tem sempre a necessidade de prever, por assim dizer, o presente”.

(Turgot – citado por Walter Benjamin . Passagens. Ed. UFMG/ 2006 . pag.520).

PRIMEIRA IDEIA - VIVEMOS TEMPOS ESTRANHOS. A RAPIDEZ COM QUE AS COISAS ACONTECEM NÃO DÁ CHANCE AOS CIENTISTAS SOCIAIS, AOS TEÓRICOS, AOS LIVRE PENSADORES E AOS PALPITEIROS EM GERAL - TAMBÉM CHAMADOS CONSULTORES, QUANDO APARECEM NA TV - FORMULAREM AS INTERPRETAÇÕES COERENTES DOS FATOS.

A inteligência brasileira está diante de novos e instigantes desafios. Mal refeita do susto das manifestações de junho de

2013, ainda carente de análises e em processo de avaliação, surgem misturados aos manifestantes, aparentemente mal percebidos por estes, grupos mascarados dispostos a destruírem, de forma violenta e irracional, o que consideram símbolos do poder capitalista. São os “black blocks”, em incontida fúria destruidora. O que tornou a interpretação teórico-conceitual dos filósofos de plantão tremendamente difícil, se não impossível.

Como se isso tudo não bastasse, mais recentemente, a TV invadiu os lares brasileiros com outro estranho, inusitado movimento. Chamado “rolêzinho”, constituído por adolescentes da periferia urbana que assumiram o direito de compartilhar o espaço físico, quase sagrado, dos shoppings, consensualmente aceito como local restrito, embora público. Espaço legítimo, reservado aos jovens de alto poder aquisitivo. Como ousam? A Justiça, nesse caso, foi acionada e deu pronta resposta: os rolêzinhos devem procurar outras paragens para o seu divertimento e lazer. As justificativas legais soaram um pouco estranhas, talvez cínicas. Mas as ameaças de multas e outras punições, parece, arrefeceram momentaneamente ânimos dos novos frequentadores desses templos do consumo.

Tais manifestações democráticas, organizadas por meios eletrônicos, não deveriam ser recebidas com júbilo pela sociedade brasileira? Não seriam elas o equivalente tupiniquim dos movimentos de junho de 1968 – embora com algumas décadas de atraso, admita-se - ocorridos na França e que balançaram as estruturas do poder?

SEGUNDA IDEIA - PARECE QUE O PENSAMENTO MÉDIO DA SOCIEDADE BRASILEIRA TEM DIFICULDADES EM ASSIMILAR O NOVO. SOBRETUDO QUANDO O NOVO SURGE EM ROUPAGENS DESCONHECIDAS, USANDO MÁSCARAS, SEM UMA PAUTA REIVINDICATÓRIA DEFINIDA. PARAFRASEANDO MCLUHAN: O MOVIMENTO É A MENSAGEM; A MENSAGEM É O MOVIMENTO...

Talvez seja precipitado falar em tolerância excessiva com o fenômeno. Mas há, sem dúvida, uma certa leniência, em mistura com perplexidade, com as manifestações, por parte do estamento do Estado e dos órgãos de comunicação. Ninguém quer atirar a primeira pedra e assumir o papel de repressor de manifestações livres, naturais em um regime democrático. Lamentavelmente, tombou uma vítima fatal da violência, apa-

rentemente sem nexos e sem objetivos claros e definidos. Como justificar a morte injustificada do repórter fotográfico Santiago, que apenas cumpria a sua tarefa, no conflagrado espaço urbano, de forma estritamente profissional?

Uma das respostas, das que sempre surgem, quase automática, no cenário político administrativo, desde os primórdios do Brasil como Nação, é a retórica artilosa que coloca a necessidade de leis restritivas, como solução. Que possam enquadrar o crime e seus agentes, cominando penas absurdas, satisfazendo, assim, os “clamores da opinião pública”.

Parece que desta vez o caso requer respostas mais inteligentes e criativas. Como lidar, vá lá o termo – democraticamente – com a presente situação? Como garantir a livre manifestação da cidadania e, ao mesmo tempo, conter a boçalidade da violência exercida, de forma estúpida, agora contra pessoas?

Este o desafio que está sendo colocado para o país. E, desta vez, não basta, apenas, infantilizar o debate político, colocando as torcidas em pé de guerra, na arquibancada. Pró governo e Anti governo. O problema afeta todos. É possível, bem provável até, que a Democracia, o Processo Civilizatório estejam correndo sérios riscos. “Quid Prodest”? A quem interessa a quebra da legalidade e das liberdades democráticas?

Com palavra a Nação Brasileira.